

O ano de 2015 marcou o fim de uma longa trajetória de crescimento contínuo da produção nacional de leite, com queda de 2,8%, ante um aumento médio anual superior a 5% registrado no período de 2000 a 2014, conforme dados da Pesquisa Trimestral do Leite (IBGE). Em 2015, o preço real do leite pago ao produtor registrou o menor valor dos últimos 10 anos, acompanhado da elevação de 9,9% no custo médio de produção (ICPL Leite) em relação ao ano anterior.

Esses resultados acentuaram a queda da oferta de leite nos primeiros meses de 2016, que refletiu na elevação dos preços pagos ao produtor em meados do ano. No geral, o ano de 2016 mostrou-se bastante volátil no quesito preço do leite, com variação superior a 51% entre o menor e o maior valor pagos ao produtor segundo dados do CEPEA, deflacionados pelo ICPL Leite, ante uma variação de 12,4% registrada em 2015. Na média do ano, o preço real do leite valorizou 15,1% sobre 2015, voltando aos patamares de 2014. Entretanto, o custo de produção também subiu, registrando aumento médio de 15,4% no ano, segundo o ICPL Leite, puxado principalmente pelos itens ligados a alimentação do rebanho. Com preço interno em alta e preços internacionais mais baixos, o ambiente ficou favorável a importação. O resultado foi uma importação de aproximadamente 8% da produção nacional e um déficit de 485 milhões de dólares na balança comercial de lácteos.

Esse cenário demonstra as dificuldades enfrentadas pela atividade nos últimos anos. Essa constatação é reforçada ao analisar a rentabilidade da atividade leiteira nos anos de 2014 a 2016, tendo como base planilhas de custo de produção da CONAB para seis municípios de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. Segundo esta fonte, em 2014 os produtores pesquisados conseguiram cobrir todo o custo operacional e, em alguns casos, até o custo de oportunidade, permitindo alguma capitalização. Já em 2015, o cenário foi de descapitalização pois os produtores conseguiram cobrir apenas as despesas de custeio da atividade e pequena parte dos custos fixos. Em 2016, a rentabilidade melhorou, permitindo aos produtores cobrir todo ou quase todo o custo

operacional, no entanto ainda sem conseguir remunerar o custo de oportunidade (Figura 1).

Para 2017 espera-se um ambiente mais favorável para os produtores de leite: os preços recebidos pelo leite mais valorizados e com menor oscilação, acompanhado de custo de produção mais estável, principalmente pela previsão otimista para a próxima safra nacional de grãos. O ano deve ser marcado pela retomada da produção nacional, mas ainda em patamares baixos. No varejo, a expectativa é de preços mais estáveis aos consumidores, já que o consumo interno deve apresentar lenta recuperação, devido ao alto desemprego ainda existente.

No cenário externo, com a retomada da produção nacional associada a preços internacionais de lácteos mais altos, espera-se uma redução das importações brasileiras. Entretanto, todo esse cenário carrega alguns fatores de risco tanto internos quanto externos. Internamente, as incertezas recaem sobre o cenário político-econômico e a condução das reformas em estudo. Externamente, os riscos concentram-se nos rumos da política externa norte-americana. Essa ressalva é importante visto que em janeiro, com a desvalorização do dólar ante o real em quase 4%, as importações continuaram competitivas, resultando em um déficit comercial em lácteos de quase 48 milhões de dólares.

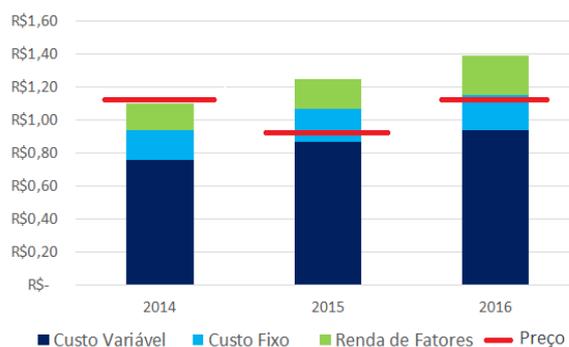


Figura 1 – Rentabilidade da atividade leiteira nos anos de 2014 a 2016 em Pompéu (MG).

Fonte: CONAB, CEPEA, elaboração dos autores.